

## **Vozes libertárias em tempos sombrios – Imprensa anarquista no período de ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) <sup>1</sup>**

João Henrique de Castro de Oliveira <sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF)

### **Resumo**

A historiografia da imprensa alternativa no Brasil trabalha, há tempos, com um conjunto de fontes que acabou se tornando, para o “senso comum”, sinônimo de mídia independente. Quando se fala do período de ditadura civil-militar no país (1964-1985), as referências giram em torno de ‘O Pasquim’, ‘Movimento’, ‘Opinião’, ‘Em Tempo’ e alguns outros títulos. Todavia, poucos estudiosos trataram de periódicos como ‘O Inimigo do Rei’, ‘Barbárie’, ou de outras publicações impressas de grupos que também se opuseram historicamente aos regimes autoritários: os anarquistas. A proposta deste artigo é identificar, sucintamente, a atuação social e os meios de divulgação dos libertários durante anos de chumbo.

Palavras-chave: mídia alternativa; anarquismo; ditadura civil-militar.

### **Introdução**

Embora desfrutem da hegemonia na difusão de ideias, valores e modos de existência, a mídia corporativa<sup>3</sup>, ao longo da História, não passou incólume à presença de contrafluxos de informação – oriundos de grupos periféricos e de seus meios de expressão contra-hegemônicos. Assim, é extremamente rica a história daqueles que, por meio de publicações impressas, encamparam resistências contra as classes dominantes. Exemplos que vêm desde a virada dos séculos XIX e XX até os dias atuais, onde as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Mídia e Memórias do Autoritarismo, realizado nos dias 14 e 15 de abril de 2014, na Escola de Comunicação da UFRJ.

<sup>2</sup> Jornalista, historiador e doutorando em História na UFF, onde desenvolve a pesquisa “Libera... Amore Mio – Jornalismo contra-hegemônico em tempos de consenso neoliberal (1991-2011)”. Mestre em História (também pela UFF) e autor da dissertação “Do *underground* brotam flores do mal. Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)”. Atualmente, trabalha como jornalista (servidor técnico-administrativo) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>3</sup> Entendo “mídia corporativa” como o conjunto dos meios de comunicação ligados essencialmente aos interesses das classes e grupos econômicos dominantes. Ou seja: a mídia pautada pelos interesses das grandes corporações, do mercado financeiro, das burguesias nacional e internacional, etc. – além de ela própria basear-se na lógica corporativa, mercantil, comercial.

possibilidades *hipermidiáticas* multiplicam experiências de comunicação contra-hegemônica na internet.

De folhas e panfletos operários na Primeira República (1889-1930), passando por jornais alternativos de oposição à ditadura civil-militar no Brasil (1964-85), diversos indivíduos e coletivos utilizaram o campo da linguagem como uma das trincheiras onde se trava a luta de classes. Nesse sentido, é impossível desvincular as lutas concretas dos grupos periféricos de seus meios de propaganda e informação: ambos se complementam dialeticamente.

Na história das esquerdas no país, é notória a tradição anarquista na publicação de jornais contra-hegemônicos, com exemplos que remontam ao início do século passado, no bojo das organizações de trabalhadores urbanos. Naquele contexto, muitos operários – alguns deles tipógrafos, como Edgar Leuenroth (1881-1968) <sup>4</sup> – tiveram destaque numa atividade jornalística militante, editando impressos para difundir a ideologia e persuadir elementos do heterogêneo movimento sindical da época. Como um motor a impulsionar tais experiências, havia a necessidade de romper o discurso dos veículos burgueses, a fim de informar, conscientizar e propagar os ideais libertários. <sup>5</sup>

Neste texto, a proposta é identificar alguns grupos anarquistas e refletir sobre o papel de seus meios de comunicação/divulgação contra-hegemônicos (panfletos, palestras, cartas, jornais, etc.) durante os chamados “anos de chumbo”.

### **Quem não se comunica...**

Radialista, apresentador, animador e, sobretudo, comunicador, Abelardo Barbosa, o Chacrinha, imortalizou-se no século passado por conta de um marcante bordão: “Quem não se comunica se trumbica”. Em sua simplicidade, o *slogan* guarda em si uma verdade essencial: a comunicação está inserida em todas as atividades humanas, desde tempos pré-históricos, sendo impossível desvinculá-la de nossa própria existência. Assim,

---

<sup>4</sup> Tipógrafo, jornalista, arquivista e ávido divulgador do ideal anarquista no país. Sua atividade jornalístico-militante é notável, com participação em diversos periódicos, entre os quais ‘O Trabalhador Gráfico’, ‘A Terra Livre’, ‘A Lucta Proletária’, ‘A Lanterna’, ‘A Guerra Social’, ‘Spartacus’, ‘A Plebe’, ‘Ação Libertária’ e ‘Ação Direta’.

<sup>5</sup> “O que resulta de significativo na existência da imprensa operária é o fato de que ela estará sempre ligada a alguma forma de organização da classe trabalhadora [...]. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização [...]”. In: FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988, p. 6.

[...] a comunicação pode ser considerada o processo social básico, primário, porque é ela que torna possível a própria vida em sociedade. Vida em sociedade significa troca [...]. E todo intercâmbio entre os seres humanos só se realiza através da comunicação.<sup>6</sup>

Sinônimo de “comunhão”, “convivência” e “transmissão”<sup>7</sup>, a comunicação penetra praticamente em todas as esferas da realidade sócio-histórica – economia, política e cultura. Em relação a esta última, a relação é direta, posto que o processo comunicacional envolva basicamente troca de bens simbólicos, linguagem, ideologia.<sup>8</sup>

O mundo social-histórico, portanto, está dialeticamente ligado ao mundo dos sentidos, das significações, ou seja, da *cultura* (o que Cornelius Castoriadis também chama de “magma de significações”<sup>9</sup>). Um “magma” tomado pelas contradições, conflitos *entre* e *intra*classes, jogos de/pelo poder. Uma “cultura oficial”, produtora/assimiladora/transmissora de formas instituídas, repassadas à coletividade e alcançando o âmago do psiquismo humano – para Castoriadis, a cultura estabelecida é um “imaginário instituído”. Mas um imaginário instituído não livre do confronto com imaginários “radicais”, “instituintes”, “periféricos”, “contraculturais”, “contra-hegemônicos”, entre outras adjetivações que representem a mesma ideia. Poder e linguagem, em mútuo diálogo, numa espiral de infinitas determinações.

[...] uma vez que a cultura só existe efetivamente sob a forma de símbolos, de um conjunto de significantes/significados, de onde provém sua eficácia própria, a percepção dessa realidade segunda, propriamente simbólica, que a cultura produz e inculca, parece indissociável de sua função política. Assim como não existem puras relações de força, também não há relações de sentido que não estejam referidas e determinadas por um sistema de dominação.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> PEREIRA, José Haroldo. *Curso básico de Teoria da Comunicação*. Quartet: Rio de Janeiro, 2009, p. 9.

<sup>7</sup> “Comunicação. s.f. Ação, efeito ou meio de comunicar; aviso; participação; transmissão; ligação; passagem; trato, convivência; comunhão”. In: FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, E. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 45ª edição. São Paulo: Globo, 1996.

<sup>8</sup> “A comunicação não é um fenômeno isolado [...]. Como atividade humana, é necessário considerá-la integrada aos processos culturais e, para estudar sua evolução, não é possível desvinculá-la da cultura”. In: PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 5.

<sup>9</sup> Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado*. As encruzilhadas do labirinto III. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

<sup>10</sup> MICELI, Sergio. “A Força do Sentido”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.XIII.

Na instituição de seu sistema de dominação, classes e grupos dominantes sempre se utilizaram, ao longo da História, de variados meios de comunicação para fazer difundir sua interpretação hegemônica da realidade sócio-histórica, cuidando para que seja socialmente reproduzido o seu *modo de produção* – entendido aqui para além do estreito *economicismo*, estando mais de acordo com o sentido ampliado de “modo de vida”, “relações sociais”, “trocas materiais e simbólicas”.<sup>11</sup>

Com o advento da modernidade e a evolução tecnológica das sociedades ocidentais, verdadeiras revoluções nos transportes e nas comunicações impactaram a relação tempo-espaço, aproximando povos e culturas, e tecendo uma rede informacional cada vez mais influente para os rumos do planeta. Dessa forma, a mídia – aqui conceituada como sinônimo de “ferramentas usadas para armazenamento e transmissão de informação ou dados” ou “meios de comunicação de massa” – desempenha papel fundamental (se não central) na construção da hegemonia e do consenso nas relações políticas entre as classes sociais contemporâneas.

A mídia ocupa posição destacada no âmbito das relações sociais, visto que é no domínio da comunicação que se fixam os contornos ideológicos da ordem hegemônica e se procura reduzir ao mínimo indispensável o espaço de circulação de ideias alternativas e contestadoras.<sup>12</sup>

Não é de surpreender, portanto, que projetos alternativos de sociedade necessitem de formas contra-hegemônicas de comunicação, já que a ideologia dominante frequentemente desqualifica/criminaliza tais projetos. Dessa forma, a

---

<sup>11</sup> “Dois erros arraigados na tradição marxista foram confundir o tão importante conceito de modo de produção (no qual as relações de produção e seus correspondentes conceitos, normas e formas de poder devem ser tomados como um todo) com uma acepção estreita de ‘econômico’ e o de, identicamente, confundir as instituições, a ideologia e a cultura faccionária de uma classe dominante com toda cultura e ‘moralidade’”. In: THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2012, p. 259.

<sup>12</sup> MORAES, Denis de. “Mídia e poder mundial”. In: *Revista História & Luta de Classes*. Ano 1, Edição nº2 (“Comunicação, Cultura, Linguagem”), Fev/2006, p.5.

produção de uma comunicação própria é uma constante na história das esquerdas e parte integrante de suas lutas concretas.<sup>13</sup>

Opostas ao esquema hegemônico de produção de notícias (calcado no ideário liberal-burguês, no interesse primordialmente comercial e na suposta “imparcialidade” da atividade jornalística), essas imprensas “independentes”, “alternativas”, “nânicas”, “marginais”, “populares” – entre outros qualificativos produzidos tanto por estudiosos quanto pelos próprios sujeitos envolvidos no processo – vão defender interesses de minorias, partidos, sindicatos, organizações revolucionárias, etc., praticando um jornalismo engajado, orientado a não separar a informação da opinião. No caso do Brasil, trata-se de um fenômeno que pode ser exemplificado (a despeito de especificidades temporais de cada caso) pelos pasquins panfletários do período regencial (século XIX), pela imprensa alternativa dos anos 1960/70/80, pela recente comunicação alternativa via *internet* e, sobretudo, pela imprensa operária e/ou anarquista que surge na Primeira República, mas que vai continuar inspirando libertários ao longo de todo o século XX e início do XXI.

### **Anarquismo e comunicação**

Para Maria Nazareth Ferreira, o jornal é, ao lado do partido e do sindicato, um dos suportes da luta da classe trabalhadora no Brasil republicano.<sup>14</sup> O jornal como instrumento de informação, conscientização e mobilização, que pratique uma comunicação horizontal e interativa: esta foi uma das ideias-força do movimento anarquista e sindicalista revolucionário no início do século passado.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> “Esquerda” num sentido correlato ao exposto por Jacob Gorender: “[...] entendo por esquerda o conceito referencial de movimentos e idéias endereçados ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas dessa transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes”. In: GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo, 1987, p.7.

<sup>14</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Op. cit.*, p. 6.

<sup>15</sup> Sobre a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário, vale a pena apresentar a argumentação do historiador Alexandre Samis, que busca contestar uma tendência historiográfica que minimizaria a importância dos anarquistas nos movimentos sociais de massa na Primeira República: “Embora a recente historiografia [...] tenha promovido um novo olhar sobre o sindicalismo anarquista, intentando separar o sindicalismo revolucionário da participação do anarquismo nas questões classistas, é sintomático o fato de o primeiro ter entrado em crise na mesma oportunidade da perda de visibilidade do segundo. [...] o sindicalismo revolucionário foi uma ferramenta, antes de tudo, utilizada por trabalhadores que pretendiam uma transformação da sociedade. Era uma metodologia a serviço da mudança [...] Nesse aspecto, os anarquistas destacaram-se na aplicação do método [...]”. SAMIS, Alexandre.

Todavia, a relação dos anarquistas com a comunicação não se restringia apenas à publicação de material impresso (jornais, panfletos, revistas, etc.). Diversos outros meios foram utilizados para difundir os ideais libertários e também confrontar a visão dos veículos ligados às classes dirigentes, que não se furtavam em desqualificar o movimento operário, como se pode depreender do excerto retirado de um periódico da época: “A ação da polícia vai agora se fazer sentir enérgica e inflexível contra esses elementos, perseguindo-os e castigando-os de forma a obstar [...] sua maléfica intromissão no seio da família operária [...]”.<sup>16</sup>

Para fazer valer seu projeto alternativo de sociedade e sua cultura contra-hegemônica, esses maléficos “elementos” – isto é, os anarquistas brasileiros (assim como seus congêneres em outros cantos do mundo) – vão investir na criação de diversos meios próprios de comunicação, entre os quais: os chamados “grupos de propaganda”; a publicação de livros e folhetos; a montagem de peças de teatro; a irradiação de centros de estudos e bibliotecas; a correspondência com a imprensa anarquista do exterior; e a organização de debates e palestras. Índícios de uma pujante utilização da comunicação militante para transmitir sua mensagem revolucionária a variados receptores. Fato observado por Edgar Rodrigues, que afirma: “O jornalismo, o teatro amador de contestação e a poesia eram alguns dos meios usados pelo movimento operário para construir sua própria cultura, tendo por meta o ideal social de autogestão”.<sup>17</sup>

No contexto dessa *comunicação libertária*, é inegável o protagonismo do jornalismo ácrata e de sua imensa produção. Por vezes, é possível identificar nesses impressos uma *metanarrativa*, ou seja, um espaço para a discussão da própria função da comunicação no contexto da luta contra o capitalismo.<sup>18</sup> Momentos em que são reveladas intenções, inquietudes, dificuldades e expectativas, além de ser travado um diálogo com os receptores das mensagens anarquistas.

---

“Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil”. In: VVAA. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004, p.178.

<sup>16</sup> *Jornal do Brasil*, 22 nov. 1918, p. 5. *Apud*. COUTINHO, Eduardo Granja. “Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889/1930”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p.75.

<sup>17</sup> RODRIGUES, Edgar. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997, p. 25.

<sup>18</sup> Essa *metanarrativa* será abordada apenas de forma preliminar neste trabalho. Pretendo, na pesquisa que desenvolvo no doutorado, investigar com profundidade a documentação impressa (primária e secundária) para melhor delinear a relação dos anarquistas com a comunicação, notadamente no que diz respeito a discursos que revelem o uso consciente/estratégico de tais ferramentas.

Episódios da história anarquista revelam, ao longo do século XX, a preocupação com objetivos e funções da propaganda libertária. No Congresso Anarquista de Amsterdã (1907), por exemplo, há um encaminhamento dos editores do jornal *Terra Livre*, que propunham a criação de um boletim internacional. O diretor do periódico, o imigrante português Gregório Nanianzeno Queiroz de Vasconcelos – mais conhecido nos meios libertários como Neno Vasco – também tinha outra sugestão para o campo da comunicação, conforme registrou Rodrigues:

Neno Vasco, o diretor de *O Amigo do Povo*, desencadeou uma grande polêmica com os acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, propondo a simplificação da ortografia portuguesa. Esta contenda continuou, depois, através do jornal anarquista *A Terra Livre*, de São Paulo.<sup>19</sup>

Mais dois exemplos da relação comunicação-anarquismo. Em 1915, no Rio de Janeiro, realizava-se o I Congresso Anarquista Sul-Americano. Entre as teses e moções aprovadas, uma dizia respeito à importância do jornalismo libertário, decidindo-se pelo “desenvolvimento e aperfeiçoamento da imprensa anarquista”. E, naquele mesmo ano, era fundado o Grupo de Propaganda Anarquista de Niterói.<sup>20</sup>

Impossível não mencionar o papel do teatro libertário como instrumento eficaz da comunicação ácrata – Rodrigues afirma que “a arte dramática foi, por muitos anos, um grande veículo de propaganda nos meios operários e anarquistas”.<sup>21</sup> Por seu caráter oral, acrescido da utilização de elementos da linguagem não-verbal, a mensagem do teatro anarquista podia alcançar um grande número de receptores que não tinham acesso à mensagem verbal dos jornais: crianças, analfabetos e idosos com dificuldades de leitura. Não bastasse isso, era simultaneamente uma forma de entretenimento e conscientização.

---

<sup>19</sup> RODRIGUES, Edgar. *Op.cit.*, p.23.

<sup>20</sup> Cf. ADDOR, Carlos Augusto. *Um homem vale um homem*. Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

<sup>21</sup> RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969, p.251. *Apud*. ADDOR, Carlos A. *Op. cit.*, p.133.

## Admiráveis tempos difíceis

A partir dos anos 1930, o anarquismo no Brasil vai passar pelo que Carlos Addor chamou de “tempos difíceis”. De 1930 a 1945, os libertários perdem seu principal vetor social de massas – o sindicalismo de intenção revolucionária – devido a uma série de variáveis, entre as quais o crescimento da hegemonia bolchevique (Partido Comunista) no movimento operário/sindical e a conjuntura sócio-política desfavorável, com a “transição entre duas ordens políticas: [...] do liberalismo federativo e excluyente das oligarquias agrárias à construção do sindicalismo corporativista, peça-chave do trabalhismo e do Estado autoritário varguista”.<sup>22</sup>

Com a reconfiguração da democracia liberal-burguesa no Brasil (1945 a 1964), o cenário não se modificará sensivelmente para os libertários, que, não mais hegemônicos no movimento sindical, vão se engajar principalmente na divulgação e preservação da cultura anarquista, sem nunca abandonar o desejo de retomar o vetor social perdido. Servindo como verdadeiras pontes de memória (repassando aos mais novos a tradição do anarquismo organizado de décadas atrás), antigos militantes – como José Oiticica, Edgar Leuenroth e Juan Perez Bouzas – vão continuar a utilizar as tradicionais ferramentas ácratas de propaganda e difusão cultural: jornais, debates, cursos, seminários, intercâmbio de informações no país e no exterior.

Entre as décadas de 1940 e 60, destaca-se o contato entre duas gerações de militantes: os mais antigos, que haviam protagonizado as lutas das “ondas” mais gloriosas do movimento, e o mais novos, dispostos a preservar o legado do “anarquismo de massas”, divulgando-o em seus meios de comunicação libertários.<sup>23</sup> Nesse período, um militante da nova geração, Ideal Peres (1925-1995), defendeu por diversas vezes o uso estratégico da propaganda libertária.

---

<sup>22</sup> ADDOR, Carlos A. *Op.cit.*, p.40.

<sup>23</sup> Elaborada pelos pesquisadores Michael Schmidt e Lucien van der Walt, a “teoria das cinco ondas” apresenta-se como uma proposta de leitura historiográfica e de periodização da militância anarquista e anarco-sindicalista/sindicalista revolucionária ao longo da História. Segundo os autores, a *primeira onda*, de 1868-1894, marcaria os primórdios do anarquismo, que surge no seio da tradição socialista, num contexto de formação e lutas da classe trabalhadora no século XIX; a *segunda* (1895 a 1923) e a *terceira* (1924 a 1949) constituiriam o “período glorioso” de maior inserção nos movimentos sociais de massa, abarcando episódios marcantes da participação libertária, como nas revoluções do México (1910), Rússia (1917) e Espanha (1936-39); a *quarta onda*, que iria de 1950 a 1989, marcaria um refluxo em relação às três primeiras, mas conteria um período de revalorização da tradição anarquista, notadamente nos movimentos sociais de juventude (Maio de 68, críticas ao “socialismo realmente existente” da URSS, oposição ao imperialismo estadunidense, luta contra regimes totalitários, etc.); por fim, a quinta onda, de 1990 até hoje, seria marcada pela influência de muitas ideias, práticas e militantes anarquistas em diversos movimentos “horizontalistas”, “anticapitalistas” e “antiglobalização”. Cf: SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: AK Press, 2009. *Apud*. CORRÊA, Felipe. *Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo (1868-2012)*. São Paulo: Faisca, 2013.



Filho de Juan Perez Bouzas (1899-1958) – anarquista espanhol que chegou ao Brasil em 1915 – e aluno de José Oiticica (1882-1957) – um dos libertários brasileiros de maior destaque – Ideal vai iniciar sua militância em 1946, na Juventude Anarquista do Rio de Janeiro, além de ser um dos fundadores do jornal *Ação Direta* (lançado naquele mesmo ano), ao lado do pai Juan e do professor Oiticica. Ainda nos anos 40, participa de outros coletivos libertários, como o grupo ‘O Archote’, de Niterói, e a União dos Anarquistas do Rio de Janeiro. Também foi delegado da Juventude Anarquista durante o Congresso Anarquista realizado em São Paulo, de 17 a 19 de dezembro de 1948.

Em janeiro de 1953, aconteceu outro Congresso Anarquista, dessa vez na residência do professor Oiticica, no bairro da Urca, Rio de Janeiro. Participaram 34 militantes do Rio de Janeiro, São Paulo (de onde veio o veterano Edgar Leuenroth, representando a União Anarquista daquele estado) e outros cantos do Brasil. Dois dos pontos de pauta tratavam justamente de temas ligados à comunicação: “propaganda” e “medidas imediatas – imprensa”. As sugestões de Ideal Peres nesse campo merecem destaque:

Ideal Peres, em nome da UARJ [*União dos Anarquistas do Rio de Janeiro*] encaminha a questão da formação de uma comissão de imprensa, que acaba sendo formada por José Oiticica, Manuel Peres, Ideal Peres, Aerólito e Petral. [...] [*Ele também apresenta*] por escrito uma sugestão, da qual destacamos os seguintes itens: promover discussões ideológicas em lugares públicos para tornar mais conhecido o anarquismo; difusão das ideias libertárias nos locais de trabalho, com distribuição de jornais aos colegas; tentar penetrar na imprensa burguesa e no rádio com colaboração libertária, sempre que se oferecer oportunidade.<sup>24</sup>

No fim da década, em 1958, era fundado o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), no Rio de Janeiro. Ele tinha função primordialmente didático-cultural (e *comunicacional*, por que não?), realizando palestras, cursos e conferências sobre os mais diversos temas, tais como psicanálise, literatura, medicina, maçonaria e, obviamente, socialismo libertário. Espaço de resistência e contra-hegemonia, aglutinou grupos que nos anos 1960 defendiam ideais antiautoritários, tais como o Movimento

---

<sup>24</sup> ADDOR, Carlos A. *Op.cit.*, p.359.

Estudantil Libertário (MEL), o Grupo de Teatro Social (Grutepa), o Movimento Pacifista Brasileiro, o Centro Internacional de Pesquisas sobre Anarquismo no Brasil (CIRA-Brasil), entre outros.

### **Repressão e temor**

Depois do golpe de 1964, “elementos desconhecidos passaram a frequentar as reuniões do CEPJO, sempre realizando perguntas estranhas que pudessem comprometer o Centro”.<sup>25</sup> Em 1969, chama a atenção do Estado autoritário a atuação do MEL, que havia distribuído panfletos considerados “subversivos”.<sup>26</sup> Em seguida, três jovens que frequentavam o CEPJO foram presos e torturados, fornecendo o nome de outros frequentadores. A partir daí, a espiral de arbitrariedade se desenrolou, resultando em prisões de membros do MEL, invasão do CEPJO por agentes da Aeronáutica, detenção de diretores do Centro (entre eles Ideal), tortura de alguns integrantes e instauração de um inquérito policial.<sup>27</sup>

Outro espaço de reunião/divulgação libertária, a seção brasileira do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo (CIRA-Brasil) foi fundado, em 1967, pelo professor italiano Pietro Ferrua, que também integrava o CEPJO e foi um dos 16 citados no processo da Justiça Militar. A seção era uma espécie de filial do *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme*, criado em 1956, na Suíça. Sua função primordial era a propaganda, além da troca de correspondências e publicações. De caráter aberto (havia membros não anarquistas), realizou projetos com as editoras Germinal (do anarquista português Roberto das Neves) e Mundo Livre, que, em pleno regime ditatorial, silenciosamente reeditavam alguns clássicos anarquistas. Ferrua conta que o CIRA-Brasil teve problemas com a censura, que confiscou o manuscrito “Bibliografia dos periódicos anarquistas de 1939 a 1965”, além de outros documentos.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> CORRÊA, Felipe. “Dedicação à militância: a vida de Ideal Peres”. In: ADDOR, Carlos A.; DEMINICIS, Rafael (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 87.

<sup>26</sup> Num trecho do texto, o MEL afirma: “Infeliz o país que tenta resolver os problemas do ensino à custa do cassetete e da bala”. Cf. a cópia do documento da Justiça Militar, disponível no acervo do site ‘Brasil Nunca Mais Digital’.

<sup>27</sup> Cf. RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo no Banco dos Réus* (1969-1972). Rio de Janeiro, VJR, 1993. Os documentos que se referem ao episódio de repressão ao CEPJO podem ser acessados no site ‘Brasil Nunca Mais Digital’: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br>>. Lá pode ser encontrada a cópia da denúncia do procurador da Justiça Militar ao juiz da 1ª Auditoria da Aeronáutica, contra 16 militantes (entre eles, Ideal Peres), acusados pelo Estado de “ameaça à Segurança Nacional” e envolvimento “num movimento anarquista subversivo”.

<sup>28</sup> Cf. FERRUA, Pietro. “A breve existência da seção brasileira do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo”. IN: ADDOR, C.; DEMINICIS, R. (orgs.). *Op.cit*, 2009. Registre-se, ainda, dois outros espaços

Diante da repressão, a atuação dos libertários ficou cada vez mais restrita aos pequenos círculos. Contudo, ela nunca cessou. Em 1973, por exemplo, Ideal vai fazer parte do Grupo Alfa de Estudos Históricos (ou Grupo Projeção), que tinha como objetivo preservar a memória anarquista. Ele também realizou, em sua própria casa, reuniões “para a leitura e reflexão de textos libertários, conseguindo lá aglutinar jovens interessados nas ideias anarquistas”.<sup>29</sup>

No final dos anos 1970, com a relativa abertura do regime, novos grupos anarquistas foram surgindo. Em 1977, começa a ser publicado por estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o periódico *O Inimigo do Rei*. Um jornal simultaneamente militante e bem humorado, engajado e desbocado, que tinha algumas referências também nos movimentos de contracultura, trazendo em suas páginas desde textos falando sobre os mártires de Chicago até matérias sobre sexualidade e maconha.<sup>30</sup>

A experiência editorial do *Inimigo* surpreendeu pela longevidade: de 1977 a 1988, com alguns hiatos. Depois dos primeiros números, a Bahia ficou pequena: colaboradores do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outros lugares participavam com textos e notícias que tornavam realidade a presença do anarquismo no país. E a prática jornalística do periódico estava em consonância com o ideário anarquista: valorização da autogestão, quebra de rígidas hierarquias e tendência em não separar o trabalho manual do intelectual – bem diferente do jornalismo burguês, dominado pela lógica empresarial, redações hierarquizadas e soberba de alguns jornalistas quanto a seu suposto *status* como trabalhadores intelectuais.

A quem quiser escrever para O INIMIGO DO REI: Nós somos o único jornal autogestionário do Brasil. Isso significa que todas as pessoas que aqui escrevem estão em pé de igualdade e não sofrem censuras de “conselhos editoriais” iluminados. Entretanto, o critério para escrever este jornal é assumi-lo e trabalhar braçalmente por ele.

---

libertários, em São Paulo, que sentiram os efeitos da repressão: o Centro de Cultura Social (CCS) e o jornal *Dealbar*. O CCS, fundado em 1933, fecharia suas portas em 1969, reabrindo apenas em 1985. Já os editores do jornal *Dealbar* resolveram voluntariamente interromper a distribuição de uma edição, conforme conta um de seus colaboradores: “Nós tínhamos uma edição pronta, 1.000 exemplares para mandar [o jornal era enviado por mala direta]. Eu fui à casa do Pedro Catallo, que era o editor, e disse para ele não mandar o jornal porque a bruxa está solta. Vão recolher isso aí e vão ficar com tanto endereço para prender gente que é melhor segurar”. Depoimento de Jaime Cubero. In: CUBERO, Jaime (*et. alii*). *Três depoimentos libertários*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d, p.137.

<sup>29</sup> CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, p. 91.

<sup>30</sup> Para mais informações sobre *O Inimigo do Rei*, consultar minha pesquisa: OLIVEIRA, João Henrique C. *Do underground brotam flores do mal*. Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992). Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: UFF, 2007. Cópia em PDF disponível em <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007\\_OLIVEIRA\\_Joao\\_Henrique\\_Castro-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_OLIVEIRA_Joao_Henrique_Castro-S.pdf)>

Vendê-lo de mão em mão, suportar as exaustivas reuniões etc. [...] Em resumo: não fazemos distinção entre o trabalho intelectual e braçal.<sup>31</sup>

Ideal Peres escreveria diversos artigos para *O Inimigo do Rei*, usando variados pseudônimos. Mais uma vez, a “engrenagem” entre gerações funcionava, mantendo viva a memória anarquista no país. Um dos jovens da época conta como o surgimento do jornal baiano foi recebido com entusiasmo pelo velho militante:

Em 1976 ou 1977, frequentava com outros colegas de minha faixa etária (andava pelos vinte e poucos anos) grupo de estudos na casa do militante Ideal Peres, no Leme [Rio de Janeiro], uma das poucas atividades a que podíamos nos permitir em vista da ditadura militar. [...] No decorrer de um dos “papos” [...] Esther Redes, a companheira de Ideal, comentou: “Ideal está muito contente. Entrou em contato com um grupo de jovens na Bahia que aderiram ao anarquismo [...]”. Ideal e Esther viajaram à Bahia onde entraram em contato pessoal com os futuros editores do *Inimigo do Rei*. [...] <sup>32</sup>.

Pode-se dizer que os encontros na casa de Ideal Peres e Esther Redes sedimentaram o caminho para novos militantes do anarquismo carioca. Já nos anos 1980, um coletivo com novos e antigos libertários resolveu criar um espaço para reuniões semanais. Em 1985 surgia, então, o Círculo de Estudos Libertários (CEL), espaço em que Ideal atuou até o final de sua vida. Os encontros semanais aconteciam na Escola Senador Correia, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. Assim como as experiências clássicas de propaganda nos meios libertários, o CEL funcionaria como espaço de aproximação de novos interessados e articulação de atividades práticas. No CEL, formaram-se coletivos que marcaram o anarquismo carioca dos anos 80 e 90, como o Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO), Grupo Anarquista Ação Direta (GAAD), Coletivo Anarquista Estudantil 9 de Julho (CAE-9) e o grupo Mutirão. Como horizonte, o desejo de retomar gradativamente aquele perdido “vetor social” dos áureos tempos.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> “Jornalistas d’O Inimigo do Rei também são jornalheiros”. *O Inimigo do Rei*. Salvador, nº5, abr/mai. 1979, p.2.

<sup>32</sup> LOPES, Milton. “Entrevista ao Inimigo do Rei”. *Apud*. CORRÊA, Felipe. *Op.cit.* p. 93.

<sup>33</sup> Já com fim da ditadura, em fins dos anos de 1990 integrantes do CEL resolvem criar um informativo: o *Libera...amore mio*. Juntamente com o CEL, o periódico se tornou, nos anos 90 e 2000, espaço de aglutinação dos libertários cariocas que fundaram, em 2003, a Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ). Com mais de 150

Outra publicação baiana que ajudou a divulgar o anarquismo durante a ditadura foi a revista *Barbárie* (1979-82). Com uma linha editorial bem semelhante ao *Inimigo*, o impresso trazia textos sobre história do anarquismo, autogestão, movimento operário, minorias sociais (indígenas, homossexuais, negros, mulheres...), pedagogia libertária, entre outros. *O Inimigo do Rei* e *Barbárie* representavam grupos sociais bem semelhantes, com colaboradores gravitando entre as duas publicações.

E naquele contexto de “abertura” e “anistia” – momento em que outros alternativos (como *Em Tempo* e *Movimento*) se celebrizaram pela defesa das “instituições democráticas”, pelo recém-formado Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo retorno dos exilados políticos – esses coletivos voltavam sua carga discursiva contra muitas daquelas bandeiras, tendo como princípio as ideias clássicas do anarquismo (principalmente a profunda desconfiança diante da democracia parlamentar burguesa). Nesse ponto, os periódicos baianos se equivaliam na ácida crítica ao regime que supostamente se amansava, como se pode depreender de trecho de um texto da revista *Barbárie*: “Atualmente, esse próprio regime que torturou e esmagou a maioria do povo brasileiro fala, como se nada tivesse acontecido, em ‘abertura democrática’ e até mesmo em ‘anistia’”.<sup>34</sup>

### **Conclusões**

Na historiografia da “imprensa alternativa”, há pesquisas que privilegiaram certas publicações. Assim, *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento* são constantemente citados como experiências bem sucedidas no universo alternativo. Mas esse amplo e heterogêneo objeto apresenta lacunas. Uma delas se relaciona às publicações de uma determinada fatia das esquerdas, que também estava no amplo exército de opositores à ditadura: os anarquistas.

A presença de coletivos libertários durante o regime ditatorial ainda é desconhecida para muitos. Ainda que pequenos e não envolvidos na luta armada (como outras correntes da esquerda, notadamente as de orientação marxista-leninista), os

---

números publicados em mais de duas décadas de atividade ininterrupta, o *Libera* é o jornal mais longo da história do anarquismo no Brasil. Em minha atual pesquisa de doutorado, tomo-o como fonte para compreender sua dinâmica editorial e a trajetória dos anarquistas no Rio de Janeiro em tempos de neoliberalismo, dissolução dos estados “comunistas” autoritários e eclosão de movimentos “antiglobalização”.

<sup>34</sup> “Quem tem medo?”. *Barbárie*. Salvador, nº1, jul. 1979, p.3.

grupos anarquistas representam, a meu ver, uma nuance política a ser considerada no campo das resistências aos militares e civis favoráveis ao governo.

Conhecer tais grupos, com suas críticas e propostas, materializadas em suas variadas mídias (jornais, cartas, panfletos, palestras, etc.), é contribuir para o melhor entendimento da história das esquerdas em nosso país. No mesmo sentido, revelar o caráter amplo da repressão – que também investiu contra esses anarquistas, ainda que os mesmos não representassem um grupo efetivamente forte para confrontar o regime – nos faz perceber o tamanho da paranoia e irracionalidade de um sistema baseado na força e na intolerância.

Por fim, o exemplo deixado pelos socialistas libertários – de resistência e de defesa de uma sociedade mais igualitária, justa e democrática – pode servir de estímulo às lutas atuais, num contexto em que a limitada “democracia liberal-burguesa” ainda é incapaz de resolver os grandes problemas sociais contemporâneos (reforma agrária, distribuição de riquezas, participação efetiva da sociedade nos assuntos políticos que lhe dizem respeito, etc.) e que, em diversos momentos, se assemelha muito a uma ditadura (criminalizando movimentos sociais, “fabricando” o consenso com ajuda dos meios de comunicação hegemônicos e utilizando-se de seu aparato policial para preservar os interesses das classes dominantes).

### **Referências bibliográficas**

ADDOR, Carlos Augusto. *Um homem vale um homem*. Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

*Barbárie* [revista]. Salvador, nº1, jul. 1979.

*Brasil Nunca Mais Digital* [site]: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br>>

CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado*. As encruzilhadas do labirinto III. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CORRÊA, Felipe. *Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo (1868-2012)*. São Paulo: Faísca, 2013.

\_\_\_\_\_. “Dedicação à militância: a vida de Ideal Peres”. In: ADDOR, Carlos A.; DEMINICIS, Rafael (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

COUTINHO, Eduardo Granja. “Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889/1930”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

- CUBERO, Jaime (*et.alli*). *Três depoimentos libertários*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- FERRUA, Pietro. “A breve existência da seção brasileira do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo”. In: ADDOR, C.A.; DEMINICIS, R. (orgs.). *Op.cit*, 2009.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo, 1987.
- MICELI, Sergio. “A Força do Sentido”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MORAES, Denis de. “Mídia e poder mundial”. IN: *Revista História & Luta de Classes*. Ano 1, Edição nº2 (“Comunicação, Cultura, Linguagem”), Fev/2006.
- OLIVEIRA, João Henrique C. *Do underground brotam flores do mal*. Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992). Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: UFF, 2007.
- O Inimigo do Rei* [jornal]. Salvador, nº5, abr/mai. 1979.
- PEREIRA, José Haroldo. Curso básico de Teoria da Comunicação. Quartet: Rio de Janeiro, 2009.
- PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.
- RODRIGUES, Edgar. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Anarquismo no Banco dos Réus* (1969-1972). Rio de Janeiro, VJR, 1993.
- SAMIS, Alexandre. “Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil”. In: VVAA. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.
- THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2012.